

Ciberativismo e mediação cultural da informação: paralelos a partir dos perfis @apiboficial e @juventude_sanaud no Instagram

Cyberactivism and Cultural Mediation of Information: parallels using as reference the profiles @apiboficial and @juventude_sanaud on Instagram

Carlos Robson Souza da Silva ¹, Luciane de Fátima Beckman Cavalcante ²

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6489-3210>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3314-003X>

Autor para correspondência/Mail to: Carlos Robson Souza da Silva, crobsonss@gmail.com

Recebido/Submitted: 24 de novembro de 2024; **Aceito/Approved:** 14 de abril de 2025



Copyright © 2025 Silva & Cavalcante. Todo o conteúdo da Revista (incluindo-se instruções, política editorial e modelos) está sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Ao serem publicados por esta Revista, os artigos são de livre uso para compartilhar e adaptar e é preciso dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Mais informações em <http://revistas.ufrj.br/atoz/about/submissions#copyrightNotice>.

Resumo

Introdução: O surgimento das redes sociais propiciou a ampliação do ciberativismo como modalidade de mobilização contra-hegemônica, principalmente a partir do ponto de vista de grupos minoritários. Devido ao seu caráter marcadamente informacional busca-se aqui identificar suas práticas com o conceito de Mediação Cultural da Informação. **Método:** Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa. A coleta e a análise dos dados deram-se a partir das postagens realizadas no feed dos perfis @apiboficial e @juventude_sanaud, entre 1 e 31 de outubro de 2023, de acordo com as seguintes categorias: quantidade de postagens por data de publicação, origem dos posts e temática abordada em postagens de origem interna ou externa publicadas no perfil. **Resultados:** Identificou-se na pesquisa que as páginas estiveram, de acordo com suas possibilidades, plenamente ativas durante o período e envolvidas nos debates políticos relacionados ao grupo ou conjunto de grupos minoritários que representam, partindo da singularidade e da particularidade dos próprios grupos para mediar informação e denunciar as violências contra eles infringidas. **Conclusão:** A pesquisa aqui realizada não consegue determinar de forma categórica que as práticas ciberativistas são efetivamente práticas de Mediação Cultural da Informação, entretanto, considera-se aqui que a apropriação do conceito de Mediação Cultural da Informação para a compreensão das práticas ciberativistas já dá início à possibilidade de ampliar a visão sobre tais práticas, de modo a compreender como elas contribuem para o compartilhamento e uso da informação e como, a partir da informação, desenvolvem caminhos alternativos para transformação dos sujeitos e da realidade.

Palavras-chave: Mediação Cultural da Informação; Ciberativismo; Redes Sociais.

Abstract

Introduction: The emergence of social networks has led to the expansion of cyberactivism as a form of counter-hegemonic mobilization, mainly from the point of view of minority groups.. Due to its markedly informational nature, we seek to identify its practices with the concept of Cultural Mediation of Information. **Method:** This is an exploratory research with a qualitative-quantitative approach. Data collection and analysis were carried out from posts made in the feed of the profiles @apiboficial and @juventude_sanaud, between October 1 and 31, 2023, according to the following categories: number of posts by publication date, origin of the posts and theme addressed in posts of internal or external origin published on the profile. **Results:** The research identified that the pages were, according to their possibilities, fully active during the period and involved in political debates related to the group or set of minority groups they represent, starting from the singularity and particularity of the groups themselves to mediate information and denounce the violence inflicted against them. **Conclusion:** The research carried out here cannot categorically determine that cyberactivist practices are effectively practices of Cultural Mediation of Information. However, it is considered here that the appropriation of the concept of Cultural Mediation of Information to understand cyberactivist practices already begins the possibility of broadening the vision of such practices, in order to understand how they contribute to the sharing and use of information and how, based on information, they develop alternative paths for the transformation of subjects and reality.

Keywords: Cultural Information Mediation; Cyberactivism; Social network.

INTRODUÇÃO

As redes sociais vêm se evidenciando nos últimos anos como espaço para entretenimento, atuação profissional, veiculação de notícias e também como ambiente propício para se iniciar e/ou ampliar o debate sobre questões sociais e políticas na contemporaneidade. Nesse contexto, uma nova modalidade de ativismo digital encontra em redes sociais como Instagram, X (Twitter), Whatsapp, TikTok, Telegram e Facebook espaço para disputar as mentes das pessoas e pôr em evidência projetos alternativos de sociedade. Esses espaços, voltados para a comunicação e o entretenimento, acabam se tornando ágoras virtuais “[...] onde a sociedade civil pode trocar informações e compartilhar suas indignações e desejos” (Bartkowiak, Fonseca, Mattos, & Souza, 2017, p. 68).

Ou seja, além de ambientes para a troca e o compartilhamento, também serve como instrumentos para incitar à própria organização social e política, como é o caso do que é feito no âmbito do ativismo digital. Tendo origem na formação da internet, o ativismo digital ou ciberativismo tem como principal característica a utilização dos recursos informacionais digitais disponibilizados na web para comunicar, conectar e mobilizar o número máximo

de pessoas em torno de uma agenda política específica, podendo ou não superar as barreiras do mundo digital e chegar ao mundo físico, de maneira a promover a atuação imediata dos sujeitos na luta em favor de determinado posicionamento ou reivindicação política. O ciberativismo é, portanto, “[...] uma face do ativismo estruturada nas arquiteturas informativas da Internet onde se pretende, dentre outras coisas, a mobilização política ao se utilizar da multiplicidade comunicativa para promover participação” (Ronchete, 2021, p. 11).

Cabe destacar também que a ação do ciberativismo tornou-se manifesto nos últimos anos com o fato de que a internet se tornou espaço e instrumento de mobilização política no Brasil. As chamadas Jornadas de Julho de 2013 são exemplos da importância da internet e, mais especificamente, das redes sociais na integração e mobilização de milhares de sujeitos que reivindicavam melhores condições de emprego e de vida (Machado & Miskolci, 2019). Já as eleições de 2018 também demonstraram o papel crucial das redes sociais na luta política, assim como os efeitos nefastos que a chamada “lógica dos algoritmos” e sua utilização podem apresentar na formação ideológica dos sujeitos. Nesse último contexto, fenômenos especialmente atrelados à proliferação das redes sociais digitais (apesar de não restrito a elas) como a desinformação e as *fake news* foram amplamente debatidos, além do fato de que a luta de classes, evidenciada pela crescente polarização política, tornou-se mais observável a partir da análise das interações sociais na internet (Vinhas, Sainz, & Recuero, 2020).

É como parte dessa mesma realidade que grupos minoritários passaram também a utilizar-se das redes sociais como ferramenta indispensável para se estabelecer digitalmente e defender seus direitos e existência. Pode-se destacar como exemplos de grupos minoritários que se engajaram nas redes sociais nos últimos anos aqueles formados por mulheres feministas, pessoas LGBTQIA+, coletivos negros, povos indígenas e quilombolas.

Tais grupos utilizam as diferentes formas de comunicar e de se expressar na internet para, a partir de seus pontos de vista (ou seja, por meio de seu olhar crítico sobre a realidade concreta e de suas vivências concretas nessa realidade), disseminar informação para que tanto pessoas pertencentes aos grupos minoritários se sintam representadas como pessoas de fora do grupo se empatizem com suas lutas. Dessa maneira, assim como nos movimentos sociais e políticos mais hegemônicos, os grupos minoritários se utilizam da polifonia inerente à internet para ganhar “[...] notoriedade e [dar] visibilidade às suas demandas e necessidades, [...] usando o meio, ou seja, as redes sociais como ferramenta para propagação de uma agenda temática a ser levada às esferas sociais fora das redes até os meios de comunicação de massa [...]” (Lopes, Alves, & Alves, 2024, p. 48).

Trazendo esse debate para o âmbito da Ciência da Informação, acredita-se que quando os grupos minoritários se utilizam das redes sociais para disseminar e debater informações sobre si mesmo sob sua própria perspectiva de vivências no mundo, eles podem estar desempenhando um papel de Mediação Cultural da Informação. Ou seja, pondo em prática um processo voltado à “[...] aproximação e interlocução das diferentes formas culturais de compreensão dos fenômenos informacionais existentes nas sociedades” (Cavalcante, 2022, p. 9).

Essa última hipótese é o ponto de partida do presente trabalho, uma vez que se busca compreender de que maneira pode-se classificar o ciberativismo de grupos minoritários como Mediação Cultural da Informação, tendo em vista o seu papel na disseminação de informação factual sob seus pontos de vista. Para isso, realiza uma pesquisa exploratória, de abordagem quali-quantitativa que se dedica a analisar quantitativamente as postagens realizadas por perfis ligados a esses grupos nas redes sociais. Como forma de operacionalização da pesquisa, a análise foi feita nos perfis @apiboficial (ligada aos povos indígenas brasileiros) e @juventude_sanaud (ligada ao povo palestino) no Instagram, enfocando-se nas postagens realizadas em outubro de 2023, mês crítico para ambos os grupos.

CIBERATIVISMO E MEDIAÇÃO CULTURAL DA INFORMAÇÃO: INTERSECÇÕES TEÓRICAS

O ciberativismo surge com o desenvolvimento da internet. Entretanto, segundo Alcântara (2016), a década de 1990 se destaca como um momento de transformação das ações coletivas e movimentos sociais, que passaram a se apropriar das novas tecnologias da informação e da comunicação para efetivar sua luta política. Dentre as formas pelas quais tais movimentos passaram a atuar diante dessa nova realidade, destacam-se “ocupações virtuais de *sites* de corporações ou governos, ações *hackers*, petições *on-line*, mobilização e coordenação de protestos através da utilização da internet, cobertura jornalísticas e alternativa e digital [...]” (Alcântara, 2016, p. 315).

Em outro artigo, Alcântara (2015) faz uma linha do tempo dos principais marcos históricos do ciberativismo na literatura, que vão desde as revoltas Zapatistas mexicanas em 1994, no sul do México, e perpassam outros movimentos como: a Batalha de Seattle em 1999, a Queda do Presidente das Filipinas, o 13M na Espanha, a chamada Primavera Árabe e as Jornadas de Julho de 2013 no Brasil. Diante desse apanhado e de sua discussão tendo como pano de fundo teorias da Sociologia e da Comunicação, Alcântara (2015, p. 92-93) sugere que “[...] o ciberativismo pode ser compreendido como uma nova configuração comunicativa dos movimentos sociais – ‘marcada pela reestruturação das práticas cotidianas de comunicação, por interações sociais mediadas pelas NTICs e pela conexão digital entre indivíduos, grupos e sociedade.’”

O ciberativismo contribui dessa forma para o desenvolvimento de uma prática comunicativa contra-hegemônica que propicia aos movimentos sociais meios para proporcionar espaços de interação, de informação e de mobilização de

sujeitos no mundo digital. Segundo Moraes (2007, p. 4), essas práticas comunicativas se configuram como contra-hegemônicas porque, ao se classificarem como formas alternativas de comunicar e informar, elas fundamentam-se “[...] numa dupla inserção ideológica do projeto comunicacional: alinhamento com processos de mudança social; e combate sistemático ao sistema hegemônico.”

Dentre outras características desse potencial contra-hegemônico do ciberativismo, estão:

- a) Oposição direta ao neoliberalismo, com defesa da universalização dos direitos democráticos e da socialização das riquezas;
- b) Descentralização informativa, na qual qualquer ponto da rede pode estabelecer permutas com outros pontos, dificultando o controle por instâncias de poder;
- c) Possibilidade de difusão de dados sem submissão às diretrizes e às idiosincrasias da mídia tradicional;
- d) Dinâmica virtual que incentiva a interlocução e a interação, baseadas em visões de mundo convergentes;
- e) Compartilhamento de estoques de textos e materiais audiovisuais, fundamentado no princípio inclusivo da *publicação aberta* e na adesão ao *copyleft* (Moraes, 2007, p. 4-5).

Tais características apontam para o fato de que o ciberativismo está ligado historicamente à luta contra os interesses das classes dominantes, mas também à oferta de espaços alternativos e seguros para se criar, compartilhar e comunicar informação e conhecimento. E é justamente essa oferta que o caracteriza como ativismo digital.

Trazendo essa questão para os estudos informacionais, pode-se alinhar o trabalho ciberativista como um processo de mediação da informação. De acordo com Gomes (2020, p. 10) pode-se situar

[...] a mediação da informação como uma ação dialética, pautada na dialogia e promotora da construção do espaço crítico, a partir do qual o processo de problematização, capaz de impulsionar a recepção, o desenvolvimento intelectual, assim como a tomada de consciência, pode representar um apoio significativo à apropriação da informação pelos sujeitos envolvidos na ação mediadora.

No ciberativismo, portanto, as ações coletivamente engendradas por sujeitos que compartilham visões de mundo convergente têm como objetivo propiciar, por meio de uma ação dialética e dialógica (logo mediacional), a apropriação da informação pelo seu público-alvo, impulsionado a recepção, o desenvolvimento intelectual e a tomada de consciência deste mesmo público em relação à realidade concreta em que está inserido e como essa realidade é construída para desfavorecê-lo.

Entretanto, a Mediação da Informação no contexto do ciberativismo vai além e proporciona o compartilhamento da informação sob a perspectiva sociocultural tanto dos mediadores quanto dos mediados. Por isso, que se considera aqui que se pode aproximar o ciberativismo mais precisamente do conceito de Mediação Cultural da Informação.

Cunhado por Bezerra e Cavalcante (2020, p. 13), a Mediação Cultural da Informação está alinhada a uma compreensão de que não se deve restringir a apropriação e a produção do conhecimento utilizando-se apenas das perspectivas metodológicas hegemônicas e dominantes. No campo da ciência (exemplo discutido por esses autores em seu artigo), a mediação cultural da informação

[...] guarda um potencial de “reencantamento do mundo”, ao permitir que o entendimento dos fenômenos investigados pela ciência não se dê exclusivamente no âmbito da racionalização instrumental dos processos do conhecer, mas, também, pelas singularidades e pluralidades construídas e reconstruídas a partir de trocas simbólicas no plano da cultura.

No caso do ciberativismo, o que os movimentos sociais fazem é buscar superar a dependência das informações vinculadas oficialmente pelas mídias dominantes e propor uma nova forma de produção da informação, que esteja mais alinhada com as singularidades e pluralidades dos grupos e povos que representam, de maneira a estabelecer formas de mediação e apropriação da informação que façam sentido para eles e/ou que compartilhem sua visão de mundo com os demais sujeitos na sociedade.

É a partir desse pressuposto que o presente trabalho se encaminha para a análise de perfis ciberativistas nas redes sociais, como forma de entender se a hipótese de que as práticas do ciberativismo como Mediação Cultural da Informação pode encontrar materialidade na realidade concreta.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória que se utiliza de uma abordagem quali-quantitativa. De acordo com Oliveira (2011, p. 20), as pesquisas exploratórias podem ser classificadas como aquelas que “[...] possibilitam aumentar o conhecimento do pesquisador sobre os fatos, permitindo a formulação mais precisa de problemas, criar novas hipóteses e realizar novas pesquisas mais estruturadas.”

Dado o caráter inicial da presente pesquisa, considera-se que qualificá-la como exploratória condiz com o interesse destacado na primeira seção de considerar o ciberativismo de grupos minoritários nas redes sociais como Mediação Cultural da Informação. Os resultados aqui obtidos têm o objetivo de comprovar ou não a hipótese inicial e gerar outras, além de novas possibilidades de pesquisa.

Para efetivar tal pesquisa, escolheu-se por analisar as postagens realizadas no feed dos perfis @apiboficial e @juventude_sanaud, entre 1º e 31 de outubro de 2023, de acordo com as seguintes categorias: temas abordados, origem da publicação (interna ou externa) e dispersão temporal do número de postagens. A escolha do perfil @apiboficial se deu porque este pertence à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), “criada pelo movimento indígena no Acampamento Terra Livre de 2005”¹, atuando como um de seus veículos informacionais oficiais. Já o perfil @juventude_sanaud foi escolhido por pertencer à Sanaúd – Juventude Palestina, “[...] um agrupamento de jovens descendentes de árabes no Brasil que existe para amplificar a luta do povo palestino por sua libertação”², sendo seu perfil no *Instagram* um “espaço de debates e reflexões sobre a luta do povo palestino, e de seus ecos no Oriente Médio e na conjuntura brasileira”³.

A escolha do mês de outubro se deu devido ao fato de que se trata de um mês crítico tanto à luta dos povos indígenas do Brasil (principalmente em relação à luta pelo veto ao Projeto de Lei 2903/2023, chamada também de PL do Genocídio ou do Marco Temporal) como do povo palestino (principalmente em relação à contínua denúncia ao genocídio iniciado em 07 de outubro pelo exército de Israel).

Como afirmado anteriormente, a abordagem da pesquisa é quali-quantitativa, o que significa aqui que os resultados são coletados e analisados por meio de instrumentos quantitativos e interpretativos, evidenciando o fato de que ambas abordagens “[...] devem ser encaradas como complementares, em vez de mutuamente concorrentes” (Oliveira, 2011, p. 26).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da coleta de dados são apresentados em dois blocos: um para o perfil @apiboficial e outro para o perfil @juventude_sanaud. Cada perfil, teve suas postagens realizadas entre 01 e 31 de outubro de 2023 analisadas em quatro etapas: distribuição temporal das postagens por data de publicação, principais temáticas abordadas nos *posts*, origem do material publicado e temática dos *posts* criados originalmente pelos perfis.

ANÁLISE DO PERFIL @APIBOFICIAL

No período de análise identificou-se que o perfil @apiboficial é um perfil extremamente ativo, pautando diariamente as questões relacionadas às causas indígenas, sempre sob a perspectiva dos povos indígenas (seja de maneira geral, enquanto movimento, seja de maneira específica, quando a algum povo é dado o protagonismo da postagem).

Ao todo, realizou-se no perfil um total de 277 postagens, sendo o dia com maior número de postagens o dia 19 de outubro (21 postagens). Contabilizou-se, porém, dias sem postagem alguma como os dias 27 e 29, ou com apenas 1 postagem, como os dias 1 e 22, entretanto, é mais do que perceptível a frequente presença digital que a página possui na *Internet*, tendo em vista como se dá a distribuição temporal das postagens por data de publicação (Figura 1).

¹Informação disponível em: <https://apiboficial.org/sobre/>

²Informação disponível em: <https://otrabalho.org.br/por-que-nos-por-que-as-criancas-palestinas/>.

³Informação disponível em: https://www.instagram.com/juventude_sanaud/reels/

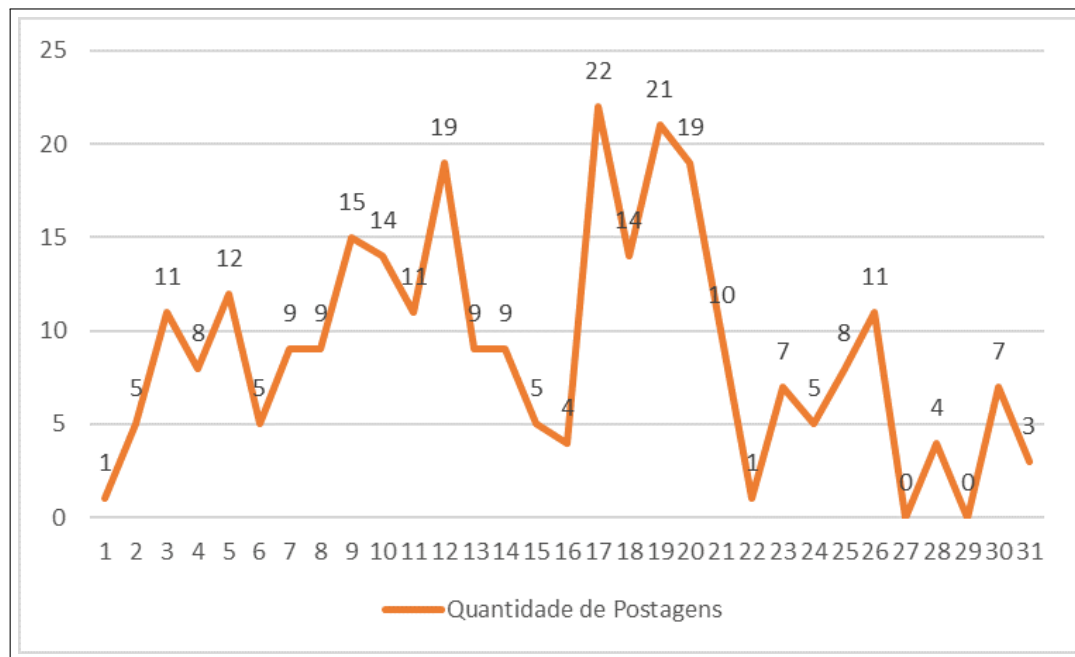


Figura 1. Apiboficial: Distribuição Temporal das Postagens por Data de Publicação

Dentre os temas discutidos nas postagens, o Figura 2 abaixo estabelece uma relação das principais temáticas abordadas:

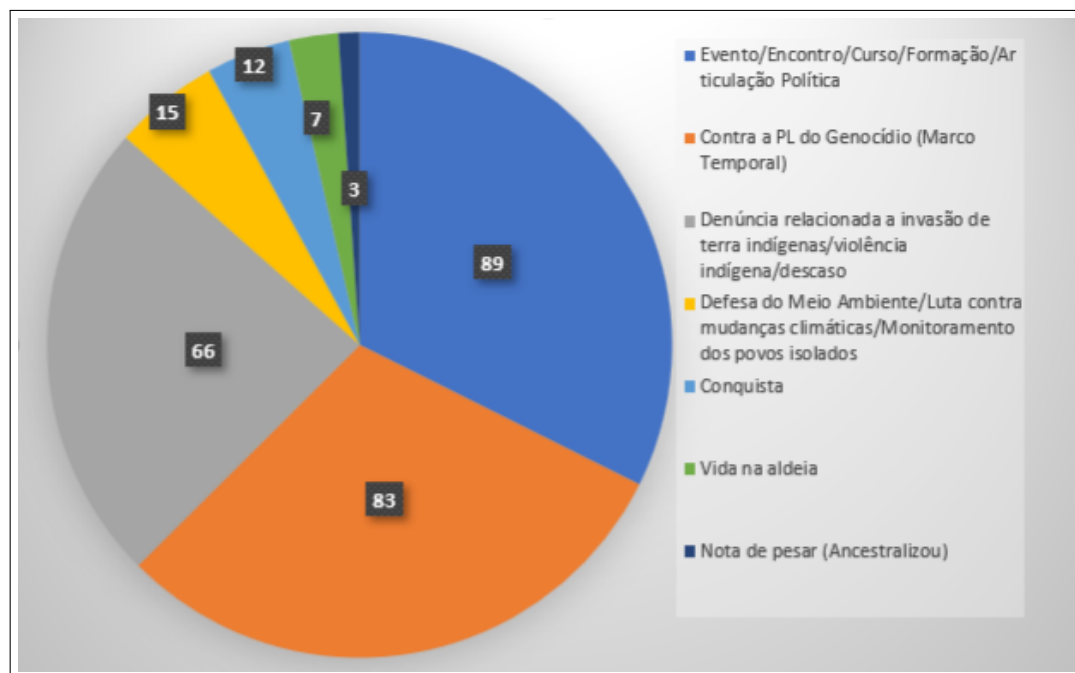


Figura 2. Apiboficial: Principais temáticas abordadas nos posts

Percebe-se o alinhamento do perfil @apiboficial com o movimento indígena em geral. O perfil está ativamente divulgando movimentos de mobilização (89 postagens tratavam da divulgação de Eventos/Cursos/Formações/Articulações políticas), manifestando-se abertamente contra o Projeto de Lei do Marco Temporal (contabilizando um total de 83 postagens tratando do projeto de lei, explicando como ele afeta a vida dos povos indígenas e conclamando indígenas e não-indígenas para se mobilizarem contra), além de realizar denúncias de invasão às terras indígenas, violências, descasos (66 postagens ao todo).

Aqui cabe ressaltar que a maioria dos *posts* encontrados na página possuíam origem externa (186 postagens), geralmente publicadas em outras páginas atreladas ao movimento indígena. Entretanto, esse dado não retira o mérito da página, refletindo na verdade seu caráter contra-hegemônico, aberto ao compartilhamento e ao princípio da publicação aberta.

Além disso, as 91 postagens criadas pelo próprio perfil evidenciam seu compromisso em falar pelos povos a partir

dos povos indígenas em prol da defesa dos direitos indígenas. No Figura 3, identifica-se que o perfil @apiboficial esteve ativamente vinculado à luta contra o Projeto de Lei que define o Marco Temporal.

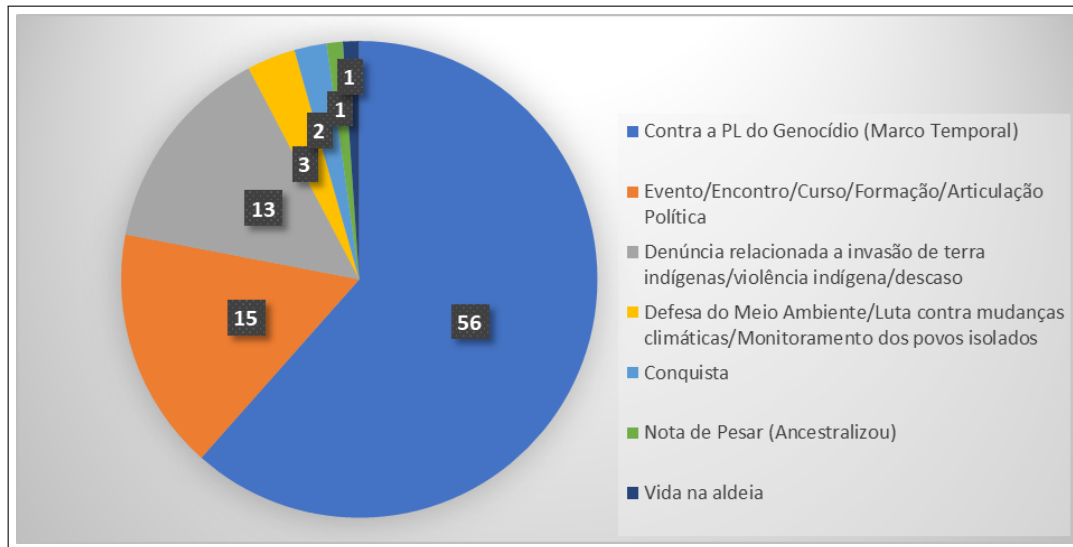


Figura 3. Apiboficial: Temática dos posts criados originalmente pelo perfil

Ao assumir esse posicionamento, o perfil @apiboficial assume o papel de Mediação Cultural da Informação sobre as questões indígenas. As pluralidades e singularidades dos povos que representam estão presentes na totalidade de postagens que fazem, assumindo o plano da cultura como ponto de partida para estabelecer suas ações coletivas e reivindicações políticas. Exemplos de postagens realizadas exclusivamente pela @apiboficial ou em colaboração com outras páginas do movimento indígena podem ser vistas na Figura 4.



Figura 4. Apiboficial: exemplos de postagens realizadas em out. 2023.

É possível identificar que elas se utilizam da imagética associada historicamente aos povos indígenas (apesar de que evitando reproduzir ideais racistas), de maneira a convocar tantas pessoas indígenas (pela representatividade) como não-indígenas (por meio da empatia) para sensibilizar-se e se somar à resistência contra os interesses anti-indígenas das classes dominantes.

ANÁLISE DO PERFIL @JUVENTUDE_SANAUD

Diferentemente do perfil @apiboficial, o perfil @juventude_sanaud não demonstrou grande número de publicações. Ao todo, entre 01 e 31 de outubro, a página realizou um total de 54 postagens, quase quatro vezes menos que a estudada anteriormente. Até o dia 07 de outubro, quando ocorrem as primeiras investidas do exército israelense contra o povo palestino em Gaza, havia quase nenhuma atividade no perfil.

Além disso, mesmo depois do dia 7, nenhum dia teve quantidade de postagens maior do que 5 (Figura 5). Isso pode ter se dado devido a dois motivos: o fato de que a Juventude Sanaud ser um movimento menor e menos abrangente que o movimento indígena, não possuindo pessoal voltado especificamente para a tarefa de gerenciar as redes sociais do coletivo; e a “surpresa” diante do ataque de Israel a Gaza e sua ação genocida engendrada continuamente nos dias e meses seguintes. Como citado acima, a distribuição temporal das postagens por data de publicação pode ser visualizada no Figura 5 abaixo:

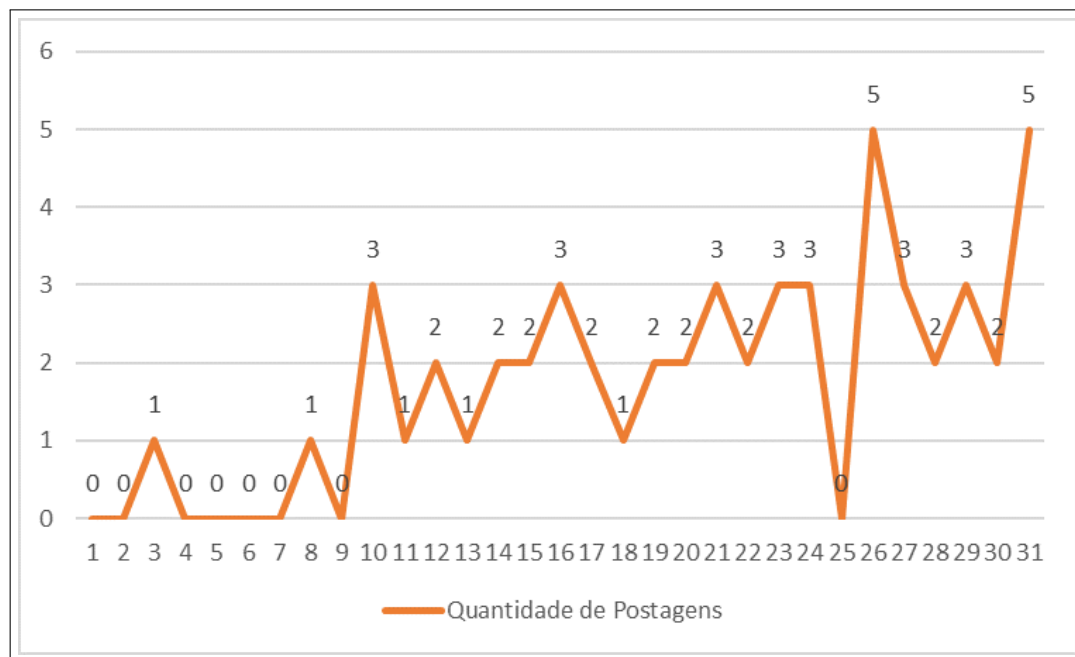


Figura 5. Juventude_Sanaud: Distribuição Temporal das Postagens por Data de Publicação

Apesar de poucas em relação à @apiboficial, isso não significa que o ativismo do perfil foi menor ou menos dedicado. No Figura 6, encontram-se os principais temas abordados nos 54 *posts* realizados.

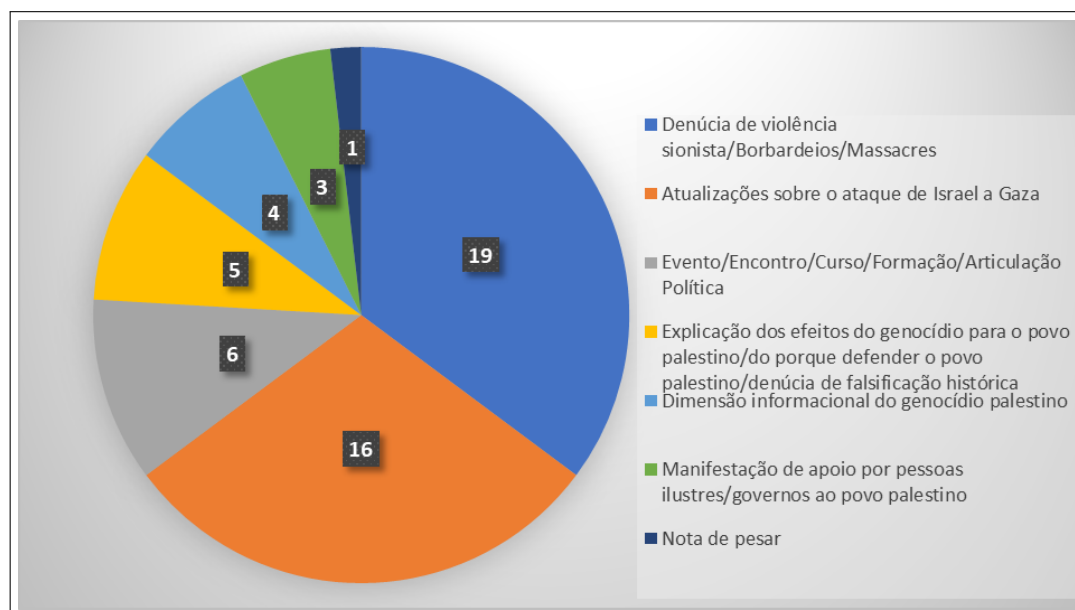


Figura 6. Juventude_Sanaud: Principais temáticas abordadas nos *posts*

São *posts* que se dedicam a denunciar a violência sionista contra o povo palestino, além dos massacres e

bombardeios a eles relacionados (19), boletins diários com atualização sobre a situação de Gaza (16), além de anúncio de eventos, cursos, formações, articulações políticas (4) e manifestação de apoio ao povo palestino (3).

O mais interessante da página é que ela se preocupa em mediar culturalmente a informação sobre a questão palestina a partir de duas perspectivas: explicar os efeitos do genocídio para o povo palestino e porque defendê-lo, denunciando a falsificação histórica que dá mote à guerra; e deixar claro que os discursos sobre o genocídio possuem uma dimensão informacional, midiática e algorítmica que o impulsiona se fundamentar em *fake news* anti-palestinos.

Os exemplos abaixo (Figura 7) apontam para uma mediação cultural da informação sobre o genocídio contra o povo palestino, que assume um posicionamento contra as investidas de Israel e que busca apresentar a realidade concreta por meio de um enfoque informacional contra-hegemônico e ativamente contrário à desinformação.



Figura 7. Juventude_Sanaud: exemplos de postagens realizadas em out. 2023.

Cabe destacar, porém, que das 54 postagens, apenas 25 foram produzidas totalmente internamente, pelo próprio coletivo que mantém o perfil. Entretanto essas postagens são contundentes em expressar o interesse da Juventude Sanaud de denunciar a violência sionista (11 postagens), divulgar eventos e articulações políticas (5 postagens), atualizar os seguidores sobre a situação de Gaza (4 postagens) e salientar a dimensão informacional da guerra de Israel contra o povo palestino (2 postagens).

UMA ANÁLISE INICIAL DOS RESULTADOS SOB A PERSPECTIVA DA MEDIAÇÃO CULTURAL DA INFORMAÇÃO

É possível identificar a partir desta pesquisa exploratória que a atividade digital dos perfis Apiboficial e Juventude Sanaud revela nuances distintas de um mesmo fenômeno social: a utilização das redes sociais por esses movimentos como ferramenta para a mediação cultural de informação produzida pelos e/ou que diz respeito diretamente aos povos aos quais representam. Essa Mediação Cultural da Informação se dá pelo fato de que ambos os perfis buscam possibilitar a compreensão e a interlocução das pautas indígena e palestina tanto com o objetivo de alcançar pessoas provenientes dos grupos representados como também para efetivar o diálogo com a grande maioria de pessoas não-indígenas e não-palestinas que os acompanham ou podem vir a acompanhar.

Além de uma interlocução cultural, os perfis também convidam aos seus seguidores a participar politicamente de seus debates e manifestações, tentando a todo momento evidenciar suas pautas e explicá-las de maneira crítica, por meio de banners, fotos ou vídeos. Além disso, há um trabalho ativo de denúncia de práticas de desinformação veiculados pelos grupos dominantes, que acabam por colocar os povos indígenas e o povo palestino como culpados da violência que sofrem dia a dia.

Nesse primeiro contato com as redes sociais @apiboficial e @juventudesanaud é admissível, portanto, conceber que seu trabalho não é apenas de veiculação de informações, mas de mediação. Esses perfis buscam conscientemente interferir no processo de apropriação da informação pelo seu público-alvo e realizar essa interferência mediando informação de maneira crítica, politicamente engajada e culturalmente situada, ou seja, que tem como ponto de partida, as experiências, as vivências e os saberes desenvolvidos pelos povos que representam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação e dos recursos da *Internet*, o ciberativismo vem experimentando ao longo dos anos formas cada vez mais novas de intervir na sociedade e mobilizá-la na luta e na reivindicação de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Apesar de que grupos hegemônicos distorçam o discurso do ciberativismo e se apropriem dele para atender suas necessidades de manipulação das massas em prol de seus interesses, o lado marcadamente contra-hegemônico do ciberativismo mantém-se forte, sendo exemplo disso o trabalho contínuo de perfis ligados a grupos minoritários na defesa de seus direitos e na luta política pela sua (re)existência.

Sua prática intrinsecamente informacional, faz com que se aproxime o ciberativismo ao conceito de Mediação da Informação. Além disso, a análise dos perfis @apiboficial e @juventude_sanaud aqui realizada, aponta para a possibilidade de ampliar o entendimento da prática mediacional do ciberativismo como Mediação Cultural da Informação, uma vez que busca comunicar, informar e mobilizar os sujeitos a partir da singularidade e da pluralidade dos grupos aos quais representam e dos quais fazem parte.

A pesquisa aqui realizada não consegue, porém, determinar de forma categórica que as práticas ciberativistas são efetivamente práticas de Mediação Cultural da Informação, como estabelecido em hipótese. É necessário, dessa forma, dar continuidade a essa pesquisa, discuti-la a partir de outros pontos de vista e acompanhá-la por meio do desenvolvimento do próprio conceito de Mediação Cultural da Informação, que ainda é recente na Ciência da Informação, mas já pode ser observado em estudos sobre a luta contra a violência da mulher (Cavalcante, 2022) e sobre a imagem da mulher na literatura (Francisco, Cavalcante, & Silva, 2023).

Entretanto, considera-se aqui que a apropriação do conceito de Mediação Cultural da Informação para a compreensão das práticas ciberativistas já dá início à possibilidade de ampliar a visão sobre tais práticas, de modo a compreender como elas contribuem para o compartilhamento e uso da informação e como, a partir da informação, desenvolvem caminhos alternativos para transformação dos sujeitos e da realidade.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- Alcântara, L. M. d. (2015). Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões. *Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política*, 8(23), 73–97. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22474>
- Alcântara, L. M. d. (2016). Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais: repertórios, organização e difusão. *Política & Sociedade*, 15(3), 315–338. doi: 10.5007/2175-7984.2016v15n3p315
- Bartkowiak, J. Z., Fonseca, T. d. A., Mattos, G. M., & Souza, V. H. d. C. (2017). A primavera árabe e as redes sociais: o uso das redes sociais nas manifestações da primavera árabe na tunísia, egito e líbia. *Cadernos de Relações Internacionais*, 10(1), 6–94. Recuperado de <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30432/30432.PDF>
- Bezerra, A. C., & Cavalcante, L. d. F. B. (2020). Mediação cultural da informação para o reencantamento do mundo. *Encontros Bibli*, 25, 1–19. doi: 10.5007/1518-2924.2020.e72831
- Cavalcante, L. d. F. B. (2022). A violência contra a mulher sob o olhar da mediação cultural da informação: análise da exposição “retratos relatos”. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 18, 1–19. Recuperado de <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1806/1363>
- Francisco, L. A., Cavalcante, L. d. F. B., & Silva, T. E. (2023). A mediação cultural da informação sobre a “imagem” da mulher nos contos de marina colasanti. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, 14(1), 113–134. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/192650/195838>
- Gomes, H. F. (2020). Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política. *Informação & Sociedade: Estudos*, 30(4), 1–23. doi: 10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57047
- Lopes, H. V., Alves, O. P. N., & Alves, S. R. J. (2024). Internet, redes sociais e a construção do debate das minorias. *Diverge: Revista de Artes, Humanidades e Ciências Sociais*, 5(1), 47–51. doi: 10.29327/259873.5.1-3
- Machado, J., & Miskolci, R. (2019). Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Sociologia & Antropologia*, 9(3). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/sant/a/q8zszyJYW3Jf3DBFSzZJPBg/>
- Moraes, D. d. (2007). Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación*, 9(2), 1–20. Recuperado de <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/226/224>
- Oliveira, M. F. d. (2011). *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Catalão: UFG. Recuperado de https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf
- Ronchete, N. (2021). Ciberativismo das torcidas antifascistas nas eleições de 2018: uma análise quantitativa. *FuLi-A/UFGM*, 6(1), 6–27. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/33221/28830>
- Vinhas, O., Sainz, N., & Recuero, R. (2020). Antagonismos discursivos nas hashtags #marqueteirosdojair e #bolsolão no twitter nas eleições de 2018 no brasil. *Estudos de Sociologia*, 25(48). Recuperado de <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13433/9348>
- Como citar este artigo (APA):
Silva, C. R. S. & Cavalcante, L. F. B. (2025). Ciberativismo e mediação cultural da informação: paralelos a partir dos perfis @apiboficial e @juventude_sanaud no Instagram. *AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, 14, 1 – 11. Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v14.97645>

NOTAS DA OBRA E CONFORMIDADE COM A CIÊNCIA ABERTA

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Papéis e contribuições	Carlos Robson Souza da Silva	Luciane de Fátima Beckman Cavalcante
Concepção do manuscrito	X	X
Escrita do manuscrito	X	
Metodologia	X	X
Curadoria dos dados	X	
Discussão dos resultados	X	X
Análise dos dados	X	

FINANCIAMENTO

O(s) autor(es) declara(m) que esta pesquisa recebeu financiamento conforme dados indicados a seguir e o documento comprobatório foi anexado como documento suplementar: **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.**

EQUIPE EDITORIAL

Editora/Editor Chefe

Paula Carina de Araújo (<https://orcid.org/0000-0003-4608-752X>)

Editora/Editor Associada/Associado Júnior

Karolayne Costa Rodrigues de Lima (<https://orcid.org/0000-0002-6311-8482>)

Editora/Editor de Texto Responsável

Fabiane Führ (<https://orcid.org/0000-0002-3723-050X>)

Seção de Apoio às Publicações Científicas Periódicas - Sistema de Bibliotecas (SiBi) da Universidade Federal do Paraná - UFPR

Editora/Editor de Layout

Felipe Lopes Roberto (<https://orcid.org/0000-0001-5640-1573>)